

CINEMA BRASILEIRO, RELAÇÕES DE GÊNERO E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTADO DA QUESTÃO

*BRAZILIAN CINEMA, GENDER RELATIONS, AND POSSIBILITIES IN TEACHER
EDUCATION: STATE OF THE ART*

LINDALVA JÉSSYKA DE OLIVEIRA ANDRADE

Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil
Mestra em Educação. E-mail: jessykaandradepsi@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7551-1188>

Submissão: 01-05-2025 - Aceite 27-01-2026

RESUMO: Considerando que o campo social e cultural é atravessado por relações de gênero, raça, classe, sexualidade e outros marcadores, compreende-se que a educação tem um papel indispensável na construção dessas relações. Cabe a ela também a responsabilidade de promover espaços de enfrentamento à violência e às opressões, valorizando a diversidade nas experiências formativas. O cinema, nesse cenário, configura-se como uma ferramenta potente para esse trabalho. Dessa maneira, o presente artigo tem como objetivo analisar o estado da questão dos estudos que contemplam as temáticas de relações de gênero, cinema e formação de professores, possibilitando compreender como o desenvolvimento de espaços de discussão acerca dessas relações, por meio do cinema, pode auxiliar docentes em sua prática educativa. Trata-se de uma revisão de literatura, do tipo estado da questão, realizada em abril de 2023, por meio de busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, com análise de sete produções acadêmicas. Os resultados revelaram a pluralidade de métodos e contextos dos estudos analisados, com ênfase em abordagens qualitativas e criativas. Tornou-se evidente o potencial formativo do cinema na desconstrução de normatividades e a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade. Foram identificadas lacunas, como o desconhecimento da Lei 13.006/2014, a escassez de disciplinas sobre gênero nas licenciaturas e a necessidade de evitar a responsabilização isolada dos professores nessas abordagens. Conclui-se que o cinema, quando articulado a propostas formativas críticas e sensíveis, pode favorecer a escuta, o diálogo e a produção de saberes transformadores na educação.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Cinema. Relações de gênero.

ABSTRACT: Considering that the social and cultural sphere is shaped by relations of gender, race, class, sexuality, and other markers, education plays an essential role in the construction of these relations. It is also responsible for promoting spaces to confront violence and oppression, valuing diversity in formative experiences. In this context, cinema emerges as a powerful tool for such work. This article aims to analyze the state of research on studies that address the themes of gender relations, cinema, and teacher education, making it possible



to understand how the development of spaces for discussing these issues through cinema can support teachers in their educational practices. This is a state-of-the-art literature review, conducted in April 2023, through a search in the CAPES Theses and Dissertations Database, resulting in the analysis of seven academic works. The results revealed a plurality of methods and study contexts, with emphasis on qualitative and creative approaches. The formative potential of cinema in the deconstruction of normativities became evident, as well as the need for pedagogical practices committed to diversity. The study identified gaps such as the lack of awareness of Law 13.006/2014, the scarcity of courses on gender issues in teacher education programs, and the need to avoid placing sole responsibility on teachers for addressing these topics. It is concluded that cinema, when integrated into critical and sensitive formative proposals, can foster listening, dialogue, and the production of transformative knowledge in education.

KEYWORDS: Teacher training. Movie theater. Gender relations.

1 Introdução

O contexto social e cultural em que vivemos é permeado por questões de gênero, raça, classe, sexualidade e outros marcadores sociais que são atravessados por relações de poder, tendo efeitos sociais e subjetivos no campo da identidade, com construções simbólicas durante a vida. No âmbito histórico, a dominação sobre os corpos femininos tem sido naturalizada e justificada pelo determinismo biológico. Diante disso, o movimento feminista vem desconstruindo essa perspectiva através de suas lutas pela afirmação da vida e equidade de gênero.

A educação tem um importante papel na constituição dessas relações, uma vez que muitas práticas pedagógicas seguem reproduzindo violências e opressões de gênero, como apontam as discussões de Louro (2010). Similarmente, em sua pesquisa, Cruz e Araújo (2022) evidenciam a necessidade de momentos de discussão e reflexão sobre esses aspectos no cotidiano escolar, bem como experiências formativas acerca do tema para professores e funcionários, em busca de um espaço mais inclusivo, democrático e não sexista.

Tendo em vista que gênero não é uma condição natural ou propriedade dos corpos, Lauretis (1994) entende-o como o conjunto de efeitos produzidos no campo corporal e social, destacando o conceito de Tecnologia do Gênero, que por sua vez aponta a construção de gênero como produto e processo de representação e autorrepresentação, sendo produto de tecnologias sociais e políticas como cinema, discursos institucionais e práticas cotidianas. Isto posto, o cinema, tecnologia da qual essa pesquisa irá se debruçar em sua análise, se constitui como instância educativa e cultural, tendo efeitos enquanto pedagogia social através, inclusive, de representações de identidades de gênero presentes nos filmes (Lauretis, 1993; Louro, 2000).

É cômico também que a Lei 13.006/2014 (BRASIL, 2014) ressalta a exibição de filmes de produção nacional como componente curricular complementar, configurando a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais, logo, integra-se à proposta pedagógica escolar e fomenta o respeito ao conhecimento artístico e cultural do campo cinematográfico brasileiro, contribuindo com formas de aprendizagens mais diversas.

Portanto, compreende-se a importância de produção de saberes e fazeres no campo da educação, articulando relações de gênero e espaços de inclusão. O cinema, nesse contexto, configura-se como uma ferramenta potente para gerar discussões críticas, capazes de desconstruir concepções cristalizadas e opressoras, criando possibilidades de ser e estar no mundo. Diante da crescente busca por ampliar e dar visibilidade à formação de professores voltada à diversidade, esta pesquisa contempla perguntas norteadoras como: quais são os principais enfoques dos estudos que tratam das relações entre cinema, gênero e formação docente? De que modo esses estudos abordam a potencialidade do cinema na prática educativa? Quais são os achados identificados nesse cenário e que lacunas ainda persistem?

Desse modo, tem-se como objetivo analisar o estado da questão dos estudos que contemplam as temáticas de relações de gênero, cinema e formação de professores, possibilitando compreender como o desenvolvimento de espaços para discussão acerca de relações de gênero através do cinema podem auxiliar docentes em sua prática educativa.

2 Metodologia

O presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura do tipo estado da questão, que tem por objetivo delimitar e caracterizar o objeto de investigação, identificando e definindo as categorias centrais da abordagem teórico-metodológica. Para isso, foram adotados procedimentos de levantamento bibliográfico, com foco em fontes como teses, dissertações, relatórios de pesquisa e estudos teóricos. Esse tipo de revisão busca delimitar a contribuição original do estudo no campo científico, permitindo ao pesquisador registrar como o tema ou objeto se encontra no estado atual da ciência ao seu alcance (Nóbrega-Therrien; Therrien, 2004).

A pesquisa aconteceu em abril de 2023, através de busca bibliográfica no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por se tratar de uma base institucional consolidada, que reúne a produção acadêmica *stricto sensu* (mestrados e doutorados) das universidades brasileiras. O enfoque em dissertações e teses se justifica no intuito de compreender o que vem sendo produzido nesse campo de investigação no âmbito da pós-graduação, identificando as abordagens teóricas, metodológicas e os enfoques predominantes na pesquisa *stricto sensu* sobre cinema, relações de gênero e formação docente.

Os descritores contemplados foram: “formação de professores”, “cinema” e “relações de gênero”, que por sua vez foram localizados na pesquisa tesaurus. O cruzamento foi efetuado aplicando o operador booleano “AND”, sendo identificados 54 trabalhos.

Aplicaram-se, então, os seguintes critérios de inclusão: produções na língua portuguesa e com delimitação temporal dos últimos dez anos, almejando mapear a produção recente e alinhada aos debates atuais sobre diversidade, inclusão e práticas educativas críticas. Como critérios de exclusão, foram retiradas pesquisas duplicadas e não encontradas na íntegra, assim como trabalhos que, mesmo contendo os descritores supracitados não se mostraram relevantes para a proposta em questão, uma vez que não enfatizaram de fato as temáticas aqui descritas. Desse modo, aplicando os critérios de inclusão e exclusão, a partir da leitura dos títulos e resumos, foram selecionadas 7 produções que abordaram o objeto em questão, logo, as mesmas foram lidas na íntegra.

3 Resultados e discussão

A coleta de dados possibilitou o encontro e investigação de 6 dissertações de mestrado (85,71%) e 1 tese de doutorado (14,29%), sendo 6 de programas de pós-graduação em Educação, e 1 de Psicologia Institucional, além disso, evidencia-se que todos os trabalhos abrangeram o método qualitativo. Quanto ao campo temporal, cada pesquisa corresponde aos seguintes anos: 2013 (1), 2016 (1), 2017 (1), 2018 (1), 2019 (1), 2021 (1), 2022 (1). Os trabalhos analisados se encontram no quadro 01.

Quadro 01 – Produções analisadas: títulos, autores e ano de publicação

TÍTULOS	AUTORES	ANO
Cinema, gênero e sexualidades na formação inicial de professores e professoras	Alessandro Garcia Paulino	2013
Gênero e sexualidade em cartaz na formação de professores	Hugo Souza Garcia Ramos	2016
Interseções entre Cinema, Gênero e Educação: A experiência do Cineclubes Sabotage na Escola Municipal Professora Alcida Torres	Fabiana de Lima Leite	2017
Imaginário social e formação continuada: o olhar para as discussões de gênero, etnia e diversidade sexual	Gabriella Eldereti Machado	2018
Entre os muros da escola: gênero e docência na constituição de uma pedagogia de afeto	Éderson da Cruz	2019
Nos litorais dos desejos: (in)visibilidades das sexualidades dissidentes na educação profissional	Robério Nunes Maia	2021
Cinema e educação: um estudo de caso da experiência fílmica do PROVE em escolas estaduais de Juazeiro (BA)	Patricia da Silva Barbosa	2022

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Para construir a escrita dos resultados e discussão, os sete trabalhos foram lidos na íntegra para identificação dos objetivos, abordagens teóricas e metodológicas adotadas por cada estudo. Assim, foram construídas categorias de forma indutiva, ou seja, que emergiram a partir das convergências encontradas nos objetivos e enfoques dos trabalhos analisados. Dessa maneira, foi possível agrupar os estudos em três eixos principais, que refletem diferentes modos de articulação entre as temáticas de formação docente, cinema e relações de gênero. Essa categorização está demonstrada no quadro abaixo, com detalhamento de trabalhos, autores, objetivos e procedimentos.

Quadro 02 - Categorização dos trabalhos em seus objetivos e procedimentos realizados

CATEGORIA	AUTORES	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS
Relações entre cinema, educação e gênero	Barbosa (2022); Leite (2017).	Investigar as relações entre cinema, educação e gênero a partir de projetos específicos realizados em escolas.	Pesquisas qualitativas, com estudos de caso, pesquisas bibliográficas e documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas.
Gênero, etnia e sexualidade na educação, na docência e no cinema	Cruz (2019); Machado (2018).	Analisar modos como gênero, etnia e sexualidade permeiam o campo da educação a partir do cinema e representações e significações que permeiam o cotidiano escolar e do ser docente, discutindo também documentos, currículo e saberes pós-estruturalistas.	Metodologias qualitativas, com etnografia de tela, bricolagem de formação discursiva, análise discursiva, pesquisa autobiográfica e história de vida.
Cinema, propostas pedagógicas e formação de professores sobre gênero e sexualidade	Maia (2021); Paulino (2013); Ramos (2016).	Discutir possibilidades de inserção do cinema na formação de educadores sobre gênero e sexualidade, contemplando interligações com propostas pedagógicas.	Pesquisas qualitativas, com leitura e análise de leis, documentos e filmes, análise textual discursiva, ficha de apreciação fílmica, coleta fílmica, grupo focal e cartografia.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

A primeira categoria (“relações entre cinema, educação e gênero”) contemplou estudos que visaram investigar as relações entre cinema, educação e gênero a partir de projetos específicos realizados em escolas. As duas produções analisadas nesta categoria contemplaram método qualitativo e se debruçaram em procedimentos com estudos de caso, pesquisa bibliográfica e documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Ambas ressaltam fundamentações teóricas que reforçam o cinema como forma de educação e expressividade cultural, dessa forma, destacam que ações que interligam cinema e escola precisam ser pensadas como práticas educacionais. Isso deve acontecer através do diálogo, expressão e democratização, convocando redes de sentidos, senso crítico e protagonismo comunicativo que inclua pessoas de qualquer idade, gênero, nível econômico ou posição social. Similarmente, as dissertações relatam contextualizações históricas acerca das aproximações entre cinema e educação no Brasil, contemplando suas evoluções quanto à intencionalidade pedagógica, considerando também a importância de inúmeros projetos e iniciativas que viabilizaram a arte cinematográfica neste sentido.

Em vista disso, o trabalho de Barbosa (2022) enfatiza a figura do/a professor/a como fundamental no encontro entre cinema e estudantes, bem como a consolidação da experiência fílmica na escola, portanto, em busca de identificar as relações entre cinema e educação que são estabelecidas em duas escolas estaduais do Semiárido urbano de Juazeiro (BA), a partir da experiência fílmica do projeto estruturante de arte e cultura “Produção de Vídeos Estudantis”, a autora abrangeu uma análise dos relatos dos docentes a partir das entrevistas, assim como realiza em seus escritos descrições das produções cinematográficas do projeto em questão.

Torna-se perceptível que esse trabalho articulador do cinema e educação demanda conhecimentos teóricos e técnicos específicos, por isso, é imprescindível a base de apoio teórico-prática na formação dos docentes sobre o cinema, contemplando também a sensibilização e conscientização. As análises de Barbosa (2022) demonstraram que existem vulnerabilidades neste processo formativo, desencadeando dificuldades aos docentes ao desenvolver o projeto, alimentando também visões burocráticas e não mobilizando interesse em participação.

É importante ressaltar que, apesar dos desafios, nenhum docente entrevistado manifestou desejo em deixar de aderir ao projeto, pelo contrário, suas falas reconhecem a relevância da iniciativa e necessidade de maior base de apoio. Isso demonstra o compromisso dos professores com propostas pedagógicas inovadoras e o reconhecimento do cinema como ferramenta significativa para o trabalho com temas sensíveis e sociais no ambiente escolar.

O envolvimento dos estudantes é também um dado importante, pois revela o potencial do cinema para mobilizar o interesse e a participação ativa dos jovens no processo educativo, abordando temáticas através da criatividade e mobilização grupal. No PROVE (Produção de Vídeos Estudantis), os estudantes produzem vídeos, de até cinco minutos, utilizando da linguagem cinematográfica e suas técnicas, unindo reflexão e expressividade, trabalhando então cores, sons, ângulos e recursos nos sentidos das narrativas.

A linha temática ou o assunto a ser tratado pelas narrativas audiovisuais dos estudantes direciona as atividades pedagógicas dos professores, incluindo a escolha das produções que serão exibidas/indicadas para alimentar esses temas durante e após as aulas. Nesse sentido, os filmes são visualizados como suporte didático nas oficinas audiovisuais e como forma de conhecimento sobre os temas a serem discutidos, no modo como produzem sentidos através das representações que constroem com referência no real. Os relatos indicaram ainda como, além de ideias, as exibições desencadeiam processos emocionais em sala de aula, disparando sensibilidades entre os estudantes, nas relações que fazem entre o filme e seus contextos de vida. Vale ressaltar que os temas de trabalho, nas duas escolas, são de viés social, como violência contra a mulher, depressão e suicídio (Barbosa, 2022).

A pesquisa de Leite (2017), por sua vez, compreende a relação entre educação, cinema e gênero no ambiente escolar, se propondo a perceber a vivência com a sétima arte por jovens permitiu o afloramento de questões relativas a gênero e como tais questões foram conduzidas pelo Projeto Cineclube Sabotage em uma escola de Belo Horizonte, tendo isso em vista, buscou-se nos enunciados de estudantes, monitores e colaboradores do cineclube sentidos e significados neste âmbito, ademais, há a interligação com teorias feministas do cinema, relação entre cultura e gênero e temáticas de juventudes na educação.

Dessa maneira, perceber a escola como espaço de emancipação está atrelado ao pensamento de equidade de gênero, considerando seu papel das identidades étnicas, de gênero e de classe, uma vez que muitas identidades sofrem processos de opressão dentro e fora da esfera escolar, logo, silenciamentos e omissões reproduzem violências (inclusive simbólicas) e manutenção do racismo, sexismo e classicismo. Sendo uma instituição política, a escola deve promover transformações em suas práticas e concepções, atrelando a democratização do cinema às possibilidades de novas problematizações, desnaturalizações, representações e diversidade nas relações de gênero e sexualidade (Leite, 2017).

Salienta-se também que reflexões em relação à gênero, juventudes, regionalidades, cinema e educação foram fomentadas pelos estudos supracitados, assim como discussões sobre cineclubismo, educomunicação contextualizada, cidadania, menção à Lei 13.006 (que determina a exibição de filmes nacionais em escolas públicas) e à importância de projetos que articulem a presença do cinema na educação, com uma base no processo formativo dos professores. Lacunas também foram identificadas, tais como: Quais os efeitos destes projetos para a formação cidadã para além dos muros da escola? As demandas dos jovens em relação às questões de gênero, raça e classe são ouvidas e aprofundadas na escola? Como ampliar o processo formativo dos professores junto à prática cinematográfica sem impor e responsabilizá-lo mais uma vez por todas as experiências escolares? Há espaço para projetos que não se enquadrem à “grade” disciplinar?

Os resultados apontam que práticas cinematográficas nas escolas, com espaços de discussão horizontal, seguem como movimento de resistência e persistência, permitindo percepções e posicionamentos críticos sobre desigualdades sociais, como as existentes nas relações de gênero. Além disso, se torna notório que é imprescindível maior apoio na formação dos docentes, rompendo então com lógicas racionalistas e tradicionais de educação (Barbosa, 2022; Leite, 2017).

Por sua vez, a categoria “Gênero, etnia e sexualidade na educação, na docência e no cinema” envolveu trabalhos que buscaram analisar modos como gênero, etnia e sexualidade permeiam o campo da educação a partir do cinema. Essas análises foram permeadas por discussões acerca de representações e significações do cotidiano escolar e do ser docente, envolvendo também leituras críticas de documentos e currículos, relacionando-as teoricamente com saberes pós-estruturalistas.

Em sua pesquisa, Machado (2018) almejou conhecer as contribuições do cinema na formação docente, além de compreender dimensões simbólicas, estéticas e políticas presentes no campo do Imaginário Social. Em campo, sua pesquisa foi efetuada em duas escolas de Santa Maria/RS, por meio de encontros grupais com docentes para exibição de curtas-metragens de aproximadamente 20 minutos, sendo eles: “Lila”, “Sophia”, “Cores e Botas” e “Eu Não Quero Voltar Sozinho”, além do mais, conversas foram realizadas de maneira individual utilizando o Baralho das Significações Imaginárias Sociais (cada carta do baralho continha imagens e perguntas com provocações sobre os temas estudados, favorecendo o conhecimento das significações de cada professor acerca destes) e cartas que promoveram narrativas de si.

Afirma-se, a partir do trabalho supracitado, a importância da escola como território de múltiplas diferenças e direitos, bem como notamos a relevância de tratar temas cotidianos no imaginário social através da arte cinematográfica, que pode estar acompanhada de metodologias criativas, como o baralho utilizado. Isso nos mostra a diversidade de formas em que as temáticas aqui discutidas podem ser retratadas e trabalhadas, construindo novas narrativas na educação brasileira, no ato artístico de criar.

Outrossim, Cruz (2019) investigou como as questões de gênero, em articulação com a sexualidade, influenciam as representações sobre a docência no artefato fílmico analisado. A pesquisa buscou compreender de que modo essas categorias operam na constituição de saberes e na construção curricular, com foco específico nos desdobramentos de ser homem e professor, evidenciando como o gênero atravessa e molda essas experiências. Envolvendo referenciais queer, pós-estruturalistas, estudos sobre docência e cinema e educação, o autor também utiliza a

etnografia de tela para com o filme “Entre os muros da escola”, obra francesa dirigida por Laurent Cantet, possibilitando então notar que gênero é uma forma de dar visibilidade à pedagogia do afeto, e que a docência do homem cisgênero de François Marin se configura através de uma cisheteronormatividade.

Uma vez que, segundo Cruz (2019), a docência engloba práticas pedagógicas e formações de saberes teóricos e de experiência, é perceptível que esta abrange um conjunto de leis e regulamentos que configuram o processo de ser professor/a, bem como o âmbito curricular. Nessa perspectiva, Louro (2010) denota a importância de estranhar o currículo, ou seja, desnaturalizá-lo, compreendendo que o campo da educação, através de currículos, normas, procedimentos, linguagens e avaliações, produz identidades e sentidos de gênero e sexualidade com efeitos nos corpos, muitas vezes reforçando práticas pedagógicas sexistas, portanto, é crucial pensar em formas educativas para a liberdade.

Enfatiza-se que Machado (2018) realizou menção e análise de alguns documentos e políticas públicas de educação, bem como na formação inicial de professores em cursos de Licenciatura na UFSM, refletindo a realidade da presença ou ausência dos temas em questão. Neste sentido, a autora destaca que a UFSM possui 39 cursos de licenciatura, e somente 16 dispõem explicitamente de disciplinas que abordam as temáticas.

Ademais, em relação às políticas públicas, estas tiveram maior ênfase de construção e implementação com o fim da ditadura militar e abertura política do Brasil, por conseguinte, cita-se documentos como: Parâmetros Curriculares Nacionais (que evidenciam o valor da pluralidade cultural do Brasil, sendo imprescindível o combate às discriminações), políticas públicas voltadas aos direitos humanos e combate às opressões, documentos com participação de mulheres, negros e negras, e população LGBTQIAPN+, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Programa Brasil sem Homofobia, Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, dentre outros que só foram possíveis através de movimentos sociais com o governo, sendo extremamente necessário evitar retrocessos como o exemplo da Base Nacional Comum Curricular no governo Temer, que retira as discussões de gênero como obrigatoriedade nas escolas. Destaca-se também que, sobre a Lei 13.006, poucos professores entrevistados a conhecem (MACHADO, 2018).

Tais dados revelam que a existência de documentos que propõem a inclusão das temáticas de gênero, sexualidade e diversidade no currículo é resultado direto da luta dos movimentos sociais e se interliga com uma conjuntura política. A ausência dessas discussões em grande parte dos cursos de licenciatura e o desconhecimento de leis específicas revelam que a formação docente, muitas vezes, permanece ancorada em modelos tradicionais, pouco sensíveis às urgências contemporâneas, e é primordial seguir lutando pela atualização ética e comprometida da docência.

Ainda, nota-se que os estudos em questão articulam reflexões e análises sobre o papel social do ser professor/a, representações dos papéis e normas de gênero, raça/etnia e sexualidade. Salienta-se que os resultados referentes às dissertações da categoria em questão envolveram a compreensão de que uma pedagogia da criação, sensibilização e diálogo é imprescindível no cotidiano educacional, contemplando a diversidade e ressignificando modos de ser docente, em cunho ético, estético e político de constante desconstrução e formação, em vista disso, o cinema se configura como dispositivo importante na contemplação dessas relações para além dos muros institucionais (Machado, 2018; Cruz, 2019).

Similarmente, os achados de Machado (2018) evidenciam que o cinema tem sido pouco integrado à escola e aos processos de formação inicial e continuada de professores. Essa realidade está relacionada ao desconhecimento das produções cinematográficas nacionais, sustentada por preconceitos e visões que reduzem o cinema a uma função meramente recreativa ou de substituição de aula, desconsiderando seu potencial político e formativo. Nesse contexto, a pesquisa se mostra especialmente relevante ao lançar luz sobre o imaginário social e os simbolismos presentes nas relações sociais e históricas, refletidos no cinema, na escola, na família, nos papéis sociais e nos padrões normativos de gênero, raça e sexualidade.

As lacunas evidenciadas nos trabalhos de Cruz (2019) e Machado (2018) apontam para a urgência de se aprofundar as investigações sobre as relações de gênero, sexualidade e raça/etnia no contexto da docência e dos currículos escolares, especialmente quando mediados pelas representações cinematográficas. Não se trata apenas de analisar o conteúdo dos filmes, mas de compreender como eles operam como dispositivos simbólicos que atravessam práticas pedagógicas, imaginários sociais e políticas de subjetivação. Nesse sentido, torna-se fundamental que novas pesquisas ampliem os modos de inserção do cinema nas formações docentes, explorando seus efeitos nas compreensões da diversidade com produção crítica de saberes.

O uso de recursos como o baralho temático, por exemplo, pode ser expandido e ressignificado em diferentes contextos escolares, contribuindo para práticas formativas mais sensíveis, dialógicas e comprometidas com a transformação social. Assim, reforça-se a importância de investir em propostas que articulem pesquisa, formação docente e os espaços escolares como territórios vivos de escuta, criação e desconstrução de normatividades que historicamente silenciaram corpos dissidentes.

A terceira e última categoria (“Cinema, propostas pedagógicas e formação de professores sobre gênero e sexualidade”) engloba pesquisas que se referem aos objetivos de discutir possibilidades de inserção do cinema na formação de educadores sobre gênero e sexualidade, contemplando interligações com propostas pedagógicas. Dessa forma, Maia (2021), Paulino (2013) e Ramos (2016) contemplam coletas filmicas para análise (através de obras como “Breakfast with Scot”, “Tomboy”, “Corpo Elétrico”, “Ferrugem” e “Moonlight: sob a luz do luar”), estudos sobre cinema queer, corpo e educação, corpo e sexualidade, corpo e trabalho, além de elaboração de espaços formativos com discussões sobre os filmes e temáticas. Outra característica importante destes estudos é que todos articulam fundamentos de Guacira Lopes Louro em sua articulação teórica, importante pesquisadora no campo da educação e relações de gênero.

Nesse sentido, compreende-se que a escola produz não somente conhecimentos, mas certos tipos de sujeitos e corpos a partir de identidades e relações de classe, gênero, sexualidade, religião, raça, etnia, etc., construídas em normativas de modelo hegemônico que oprime e invisibiliza as diferenças. As mídias, como as novelas, cinema, publicidades, trazem representações que, apesar de cenários conservadores que rejeitam sexualidades dissidentes, também é possível encontrar, aos poucos, visibilidade. Devido a isso, a escola, em sua relação com a sociedade, precisa potencializar o diálogo (Ramos, 2016; Paulino, 2013).

Logo, de acordo com os autores supracitados, faz-se relevante ampliar o campo de formação e, para isto ocorrer, é primordial a confiança, disponibilidade, sintonia, grupalidade, troca de experiência, encontrando novas possibilidades de reflexão, ação e conexão com o

mundo. Estes processos não devem ser reduzidos a uma forma de capacitação ou treinamento, pois contemplam invenção e potencialização de encontros e, assim como o cinema, envolve produção de subjetividades.

Desse modo, Maia (2021) ressalta o lugar do cinema enquanto encontro, prática social e pedagógica, representando relações – sejam elas escolares, familiares, sociais, de raça, sofrimento psicológico, sexualidade, trabalho e outras vulnerabilidades sociais, ou seja, representações dos corpos, da vida. Ademais, aponta-se reflexões: Como as sexualidades dissidentes se apresentam na proposta pedagógica da Educação Profissional? Como elas são retratadas nas telas dos filmes? Seu não reconhecimento vulnerabiliza as experiências de desejo e afirmação de seus corpos e formas de amar na sociedade, na educação e no trabalho. Assim, os movimentos conservadores visam o apagamento dos desejos que fogem à lógica heteronormativa, reproduzindo os papéis de dominação social. Essas vulnerabilidades tornam-se ainda mais visíveis quando, na sua pesquisa, identificam-se demandas de adolescentes e jovens voltadas ao sofrimento psicológico em decorrência dessas opressões, atendidos no Serviço de Assistência Estudantil e de Psicologia do IFRN.

Ramos (2016) salienta que pensar o cinema na formação de professores provoca percepções e afecções, em espaço de inquietação, problematização, experimentação e criação, sendo o processo formativo um campo permanente. Não obstante, entendendo que não existem linguagens neutras, o cinema pode ser analisado pelo viés do gênero e sexualidade, e muitas vezes reproduz a lógica normativa de corpo, gênero e sexualidade, por isso, precisamos buscar a visibilidade da diversidade. Dessa maneira, os educadores da pesquisa em questão articularam suas experiências profissionais nesta temática, compartilharam suas inseguranças e puderam expandir seu repertório teórico, prático e de sensibilidade.

Além disso, torna-se urgente que diretrizes curriculares e leis da política de educação realcem a garantia de direitos e reconhecimento de diversidades em lugar político, aprofundando o debate nos projetos, propostas pedagógicas e currículos (Ramos, 2016; Maia, 2021).

A partir dos estudos analisados nesta categoria, torna-se evidente que o cinema, quando incorporado criticamente à formação docente, não atua apenas como recurso didático, mas como dispositivo político-pedagógico capaz de tensionar normatividades e provocar deslocamentos nas formas de perceber e vivenciar gênero e sexualidade nos espaços educacionais. A centralidade da escuta, da troca e da criação compartilhada, destacada nos trabalhos, aponta para a urgência de processos formativos que transcendam a lógica da transmissão de conteúdo e se constituam como espaços comprometidos eticamente com a produção de subjetividades, bem como com a construção coletiva e horizontal de saberes. No entanto, as lacunas identificadas, como a dificuldade de continuidade dessas práticas nas escolas e a ausência de respaldo institucional consistente, revelam a fragilidade das políticas formativas diante de cenários conservadores que tentam interditar os debates sobre diversidade. Assim, pensar o cinema na formação de professores exige não apenas sensibilidade e preparo técnico, mas também um posicionamento ético e político diante das disputas que atravessam o campo educacional. Os estudos demonstram que o enfrentamento das violências simbólicas e estruturais que afetam corpos dissidentes nas escolas depende da articulação entre políticas públicas, práticas pedagógicas comprometidas e formação docente crítica, que reconheça no cinema uma linguagem potente para interrogar o mundo e reimaginar a educação.

4 Considerações finais

O presente estudo, ao mapear produções acadêmicas que articulam cinema, formação docente e relações de gênero, oferece uma sistematização atualizada do conhecimento na área e levanta reflexões teóricas e práticas. Dessa forma, evidenciou-se o potencial crítico e formativo do cinema na educação, especialmente quando inserido de forma planejada, criativa e dialógica nos espaços educacionais e formativos. As análises revelaram que, embora existam iniciativas valiosas, é preciso seguir ampliando o campo de experiências que incorporam o cinema como um dispositivo pedagógico voltado à desconstrução de normatividades de gênero, sexualidade, raça/etnia e outras diferenças, fortalecendo o compromisso da educação com a diversidade e a inclusão.

Analisando o estado da questão, tornou-se cômico que o desenvolvimento de espaços para discussões acerca de relações de gênero através do cinema brasileiro tem o potencial de auxiliar professores em sua prática educativa, tendo em vista que trabalha com o senso crítico e sensibilização de temáticas importantes da vida em sociedade, como violência, direitos, juventudes, dentre outras, rompendo então com lógicas racionalistas e tradicionais de educação, ampliando significados sociais. É fundamental compreender que existem vulnerabilidades na formação de professores, entretanto, se faz urgente buscar maneiras formativas que não tenham como enfoque responsabilizar isoladamente os professores, sobrecarregando-os mais uma vez.

Em termos propositivos, sugere-se que as práticas formativas com cinema sejam inseridas em projetos pedagógicos com objetivos definidos, envolvendo formação docente continuada, com respaldo em políticas públicas consistentes, planejamento coletivo, escuta das juventudes e análise crítica das representações audiovisuais. Também é recomendável a ampliação do uso de metodologias criativas, como o baralho das significações imaginárias sociais, utilizado no estudo de Machado (2018), cineclubes, rodas de conversa e diálogos interdisciplinares.

Portanto, através da arte cinematográfica e atividades que a complementam, é possível não somente refletir, mas imaginar, esperar e criar formas mais livres de ser e estar no mundo, de vivenciar papéis sociais e educacionais, em uma pedagogia do afeto. Para a formação docente, isso é indispensável: construir novos olhares e favorecer o campo profissional e pessoal, aproximando os professores das temáticas relevantes e facilitando desconstruções que geram frutos na sociedade. Nesse sentido, o cinema queer também foi ressaltado como potencialidade no desenvolvimento de novas percepções, sentidos, criticidade e atuação.

Similarmente, foram indicadas lacunas a serem enfrentadas, como a ausência de disciplinas voltadas às discussões de gênero e diversidade nas licenciaturas, o desconhecimento de leis como a 13.006/2014 por parte dos docentes e a visão ainda restrita sobre o papel do cinema na escola, muitas vezes limitado ao entretenimento ou substituição de aulas. Esses elementos apontam para a urgência de uma reestruturação formativa que considere o cinema não apenas como recurso didático, mas como linguagem que afeta e produz saberes e experiências críticas.

Para pesquisas futuras, destaca-se a importância de investigações que acompanhem os efeitos dessas práticas no cotidiano escolar e na formação docente para além dos muros institucionais, considerando também as diferentes etapas de ensino, contextos regionais e interseccionalidades de gênero, raça, classe, territorialidade e geração.

Por fim, reconhece-se que esta pesquisa possui limitações, entre elas, o recorte temporal e temático restrito e o pequeno número de dissertações e teses selecionadas, o que impede generalizações. No entanto, os dados analisados permitiram a identificação de tendências, lacunas e possibilidades no campo da formação docente com cinema, apontando caminhos que podem ser aprofundados em estudos futuros e, sobretudo, mobilizados na prática educativa cotidiana com intencionalidade política e crítica.

Na carta de Paulo Freire (2001) para os professores, o autor destaca que não existe ensinar sem aprender. Também não existe educação sem compromisso com o campo social, político e cultural, sem compromisso com a liberdade. Que sigamos construindo uma educação transformadora, e que o cinema e tantas outras maneiras de criar sejam pontes possíveis para essa travessia constante.

Referências

BARBOSA, Patrícia da Silva. *Cinema e educação: um estudo de caso da experiência fílmica do Prove nas escolas estaduais de Juazeiro (BA)*. 2022. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, Bahia, 2022. Disponível em: <https://saberaberto.homologacao.uneb.br/server/api/core/bitstreams/8694e64d-2581-4496-9688-d5fb08339c7e/content>. Acesso em: 04 abr. 2023.

BRASIL. *Lei nº 13.006*, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Brasília, DF, 2014.

CRUZ, Éderson. *Entre os muros da escola: gênero e docência na constituição de uma pedagogia do afeto*. 2019. 402 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USIN_1ca9a9fa4554eeb470f7982324da91e8. Acesso em: 05 abr. 2023.

CRUZ, Tatiane Bantim; ARAÚJO, Iara Maria. Gênero, educação e diferenças no cotidiano escolar: olhares docentes. In: ARAÚJO, I. M.; SILVA, A. E. O. (Orgs.). *Gênero, sexualidades e diferenças: tensionamentos interseccionais no campo da educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 13-36

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos avançados*, v. 15, p. 259-268, 2001.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LAURETIS, Teresa. Através do espelho: mulher, cinema e linguagem. *Estudos Feministas*, v. 1, n. 1, p. 96-122, 1993.

LEITE, Fabiana de Lima. *Intersecções entre cinema, gênero e educação: a experiência do Cineclube Sabotage na Escola Municipal Professora Alcida Torres*. 2017. 120 p. Dissertação

(Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2017. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&cid_trabalho=5316846. Acesso em: 07 abr. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. - 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. In: LOPES, E. M. T; FARIA FILHO, L. M; VEIGA, C. G. (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 423-446.

MACHADO, Gabriella Eldereti. *Imaginário social e formação continuada: o olhar para as discussões de gênero, etnia e diversidade sexual*. 2018. 128 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16359/DIS_PPGEDUCACAO_2018_MACHADO_GABRIELLA.pdf?sequence=1. Acesso em: 08 abr. 2023.

MAIA, Robério Nunes. *Nos litorais dos desejos: (in)visibilidades das sexualidades dissidentes na Educação Profissional*. 2021. 234 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/32990/1/Noslitoraisdesejos_Maia_2021.pdf. Acesso em: 13 abr. 2023.

NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; TERRIEN, Jacques. Os trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas. *Estudos em avaliação educacional*, v. 15, n.30, jul.- dez., 2004.

PAULINO, Alessandro Garcia. *Cinema, gênero e sexualidades na formação inicial de professores e professoras*. 2013. 133 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, 2013. Disponível em: http://repositorio.ufla.br/jspui/bitstream/1/1429/1/DISSERTA%20c3%87%20c3%83O_Cinema%20g%20e%20sexualidades%20na%20forma%20a7%20a3o%20inicial%20de%20professores%20e%20professoras.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

RAMOS, Hugo Souza Garcia. *Gênero e sexualidade em cartaz na formação de professores*. 2016. 115 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/903d6557-24bc-46ed-a218-4ae2453ed260>. Acesso em: 13 abr. 2023.